

Encontro às cegas

por Juliana Monachesi

Quem for à exposição de Bruno Vieira no Paço das Artes não vai encontrar nenhum trabalho dele. Os encontros com a produção do artista não se dão com hora marcada: costumam ser fortuitos, casuais, passar despercebidos. Você não visita uma obra de Vieira, é a obra que visita você. Você não se apodera de uma obra dele, você é contaminado por ela sem nem perceber. Todas as peças expostas no Paço das Artes foram concebidas para outro meio e têm um funcionamento orgânico relacionado a estes meios. Daí não passarem, nas palavras do artista, de cópias pálidas.

Originalmente uma ação pensada para a internet, a série "Desaparecidos" é constituída de inúmeros cartazes com fotografias e números de telefone. Como em trabalhos anteriores, Vieira opera aqui com o vocabulário da rotina urbana, embaralhando seus elementos de forma a desrotinizar a leitura que as pessoas fazem da cidade. Todos os "Desaparecidos" são apresentados de costas e consta sempre apenas o primeiro nome de cada um. Pablo, Auguste, Toulouse, José, Mira, Anita, Iberê. Para quem não fizer a ligação imediata com a história da arte, o número para informações termina de dar o recado.

Uma longa lista de e-mails recebia regularmente, em meados de 2003, alguns cartazes por semana, até que se

constituía na memória (do computador e/ou da pessoa) um número assustador de pessoas desaparecidas, um acúmulo de nucas e nomes e datas a provar a força do tempo e da história. As mensagens eletrônicas vinham sem maiores esclarecimentos e podiam ser "lidas" das mais diferentes maneiras, consideradas brincadeira de mau gosto ou elaborado acerto de contas. Enquanto isto, levado a cabo por mais de um ano, o projeto ia conferindo ao artista notoriedade em todo o país.

Artista aclimatado à "aldeia global", acostumado a chegar aos lugares precedido por sua obra, Vieira desfruta confortavelmente da outra máxima de MacLuhan, "o meio é a mensagem". "Desaparecidos" e o vídeo "Ninguém Está a Salvo..." poderiam ter outro conteúdo qualquer, mas independente daquilo *sobre* o quê falam, são instrumentos de distúrbio eletrônico, porque foram concebidos para circular vai e-mail e de forma endêmica.

No caso da série "Invasões", de novo o "meio" primeiro em que o trabalho se desenvolveu é outro (e alheio ao espaço asséptico da instituição de arte): trata-se de uma intervenção urbana, cujos efeitos de contaminação do entorno nos escapam vendo a seqüência no museu. As cenas captadas por webcam de "Ninguém Está a Salvo..." em princípio seriam devolvidas a seu meio, competindo com a oferta de imagens da internet. A gestualidade frenética do artista remete ao contato desorganizado com o turbilhão de informações que invade a vida pela tela

(seja da TV ou do computador), e no contato fugaz com o vídeo, nos escapa o quanto naqueles gestos há de um elegante balé com as idéias.

Encontro às cegas (texto completo)

por Juliana Monachesi

Quem for à exposição de Bruno Vieira no Paço das Artes não vai encontrar nenhum trabalho dele. Os encontros com a produção do artista não se dão com hora marcada: costumam ser fortuitos, casuais, passar despercebidos. Você não visita uma obra de Vieira, é a obra que visita você. Você não se apodera de uma obra dele, você é contaminado por ela sem nem perceber. Todas as peças expostas no Paço das Artes foram concebidas para outro meio e têm um funcionamento orgânico relacionado a estes meios. Daí não passarem, nas palavras do artista, de cópias pálidas.

Originalmente uma ação pensada para a internet, a série "Desaparecidos" é constituída de inúmeros cartazes com fotografias e números de telefone. Como em trabalhos anteriores, Vieira opera aqui com o vocabulário da rotina urbana, embaralhando seus elementos de forma a desrotinizar a leitura que as pessoas fazem da cidade. Todos os "Desaparecidos" são apresentados de costas e consta sempre apenas o primeiro nome de cada um. Pablo, Auguste, Toulouse, José, Mira, Anita, Iberê. Para quem não fizer a ligação imediata com a história da arte, o número para informações termina de dar o recado.

Uma longa lista de e-mails recebia regularmente, em meados de 2003, alguns cartazes por semana, até que se constituía na memória (do computador e/ou da pessoa) um número assustador de pessoas desaparecidas, um acúmulo de nucas e nomes e datas a provar a força do tempo e da história. As mensagens eletrônicas vinham sem maiores esclarecimentos e podiam ser "lidas" das mais diferentes maneiras, consideradas brincadeira de mau gosto ou elaborado acerto de contas. Enquanto isto, levado a cabo por mais de um ano, o projeto ia conferindo ao artista notoriedade em todo o país.

Tempo e espaço são contextos e condições mitigados pelas tecnologias capazes de rede, como a internet, que instaura a realidade do aqui e agora. A série fotográfica "Invasões" devolve as variáveis temporal e espacial para a equação. A seqüência de imagens de um objeto banal e sua respectiva sombra "capturada" por um desenho de seu contorno no chão dá a forma à passagem do tempo e a ocupações do espaço urbano em geral invisíveis. De novo, Vieira propõe uma interpretação mais poética do vocabulário estampado nas ruas.

Artista aclimatado à "aldeia global", acostumado a chegar fisicamente aos lugares precedido por sua obra, Vieira desfruta com expertise da outra máxima de MacLuhan, "o meio é a mensagem". "Desaparecidos" e o

vídeo "Ninguém Está a Salvo..." poderiam ter outro conteúdo qualquer, mas independente daquilo sobre o quê falam, são instrumentos de distúrbio eletrônico, porque foram concebidos para circular via e-mail e de forma endêmica. Antes de dizerem isto ou aquilo, as obras atravessam o cotidiano do "público" e nisso já se constituem como paradigmas de uma subjetividade mediada.

No caso da série "Invasões", de novo o "meio" primeiro em que o trabalho se desenvolveu é outro (e alheio ao espaço asséptico da instituição de arte): trata-se de uma intervenção nascida de uma observação cotidiana e também de uma convivência e uma troca paulatina com moradores, construções e objetos da vida urbana. Da centelha que fez o artista ver desenhos onde quer que pousasse o olhar pelas ruas de Belo Horizonte, quando o pernambucano participava de um projeto de residência na cidade mineira, até a meticulosa espera para registrar a desfiguração das sombras, muita coisa acontecia, que nos escapa vendo a seqüência no museu.

"Ninguém Está a Salvo..." foi um projeto que não se realizou. As cenas captadas por webcam, que em princípio seriam devolvidas a seu meio, competindo com a oferta de imagens da internet (e criticando esta poluição), terminaram apresentadas pela primeira vez em um festival de cinema, ironicamente competindo com as imagens da alta cultura. O vídeo recebeu um prêmio. A gestualidade

frenética do artista remete ao contato desorganizado com o turbilhão de informações que invade a vida pela tela (seja da TV ou do computador), mas para quem estabelece com o vídeo uma relação para além da fugacidade, os gestos logo tornam-se um elegante balé com as idéias.